



Violência/Segurança nas Escolas

Contributo do CNJ para a Comissão Parlamentar de Educação e Ciência

Congratulamos o trabalho que tem vindo a ser desenvolvido pela Comissão Parlamentar de Educação e Ciência sobre o tema “Violência e Segurança nas Escolas”. É, sem dúvida, um assunto que merece a melhor atenção de todos os agentes envolvidos na educação e que tem repercussões sérias na construção de sociedades justas e democráticas, onde o bem-estar e a qualidade de vida sejam constantes.

Não querendo correr o risco de repetir as opiniões e ideias dos vários contributos já dados, o Conselho Nacional de Juventude, enquanto plataforma de organizações nacionais de juventude, não queria deixar de salientar, resumidamente, alguns pontos que considera cruciais para a discussão do problema e sua resolução.

Passando directamente aos contributos para as possíveis soluções do problema, começamos por destacar **o papel que as associações juvenis podem ter enquanto agentes de educação não formal**, capazes de proporcionar competências determinantes para uma vivência sã em sociedade, em que o respeito pela diversidade, a tolerância, a solidariedade são valores apreendidos pela vivência de experiências, em ambientes de interacção e relacionamento. A aprendizagem da cidadania encontra aqui um contexto acolhedor, onde a participação dos jovens é premissa fundamental. O contributo das organizações de juventude insere-se na resposta que a comunidade e os seus diversos actores sociais devem dar ao problema da violência, quer numa perspectiva preventiva como reactiva, de combate. **A promoção do associativismo juvenil é, pois, parte da solução que não**

deve ser descurada. Quando falamos em associativismo juvenil já estamos a incluir o **associativismo estudantil** e sobre este, aproveitamos para alertar para as dificuldades que os jovens do ensino básico e secundário têm tido para formalizar e legalizar as suas associações, ficando impossibilitados de receberem qualquer apoio do Estado e de iniciarem a actividade associativa.

A Ocupação dos Tempos Livres dos jovens pode encontrar nas associações juvenis respostas criativas, em que os jovens são os principais actores de projectos que incentivam o empreendedorismo, a autonomia, o sentido crítico, a capacidade de trabalhar em equipa, entre outras competências que desenvolvem a auto-estima e que certamente contribuem para o desenvolvimento integral dos jovens. Não podemos esquecer que, muitas vezes, as causas da violência estão directamente relacionadas com carências que o associativismo pode ajudar a colmatar.

As mudanças sociais requerem da própria escola adaptações que possibilitem aos alunos usufruírem de espaços de qualidade, em que as obrigações curriculares sejam completadas pela oferta cultural, desportiva e recreativa, onde a aprendizagem da cidadania seja transversal e efectiva (podendo até passar despercebida!). Afinal as escolas são os espaços onde os jovens passam grande parte do seu tempo, daí que seja fundamental **o cruzamento e encontro dos vários agentes de educação,** desde professores, famílias, profissionais de ONG e municípios. Requer-se, assim **novos modelos de gestão, a abertura da escola à comunidade e a preparação dos professores** para lidarem com o problema da violência, sendo sabido, por estudos científicos internacionais, que a larguíssima maioria de docentes não recebeu formação para gerir conflitos. As intervenções das associações na própria escola, através dum trabalho conjunto regular entre professores, alunos e membros das associações, deve ser acarinhado e valorizado. Lembramos a prática francesa de colaboração entre escolas e associações, em termos de organização e gestão de “classes transplantadas”, que na legislação francesa se intitula “classes de découverte” e que pode durar até 3 semanas fora da escola, para todas as crianças do ensino básico 1.

Enquanto espaço propício aos mais diversos fenómenos onde os jovens são personagens principais, **as escolas devem também funcionar como locais onde se identificam os problemas que podem levar à violência, devendo haver um reencaminhamento desses jovens para profissionais e identidades vocacionadas para a sua integração.** Este reencaminhamento deverá ser feito tanto a nível interno (psicólogos da escola) como externo, para fora da escola, daí, mais uma vez, a importância de uma **estreita ligação entre a escola e a comunidade.**

Destacamos ainda **o papel relevante que o Desporto** pode ter na prevenção e combate da violência na escola. Além da promoção do bem-estar físico, a actividade física e a prática de algumas actividades estimulam o respeito pelas regras e a prática do *fairplay*, tão importantes para a auto-disciplina e para a disciplina colectiva, para além da convivência saudável que proporciona. Por outro lado, consideramos que **brincar e jogar** desportos não federados, é muito útil, numa altura em que os computadores e *play stations* conquistam largamente a ocupação de tempos livres, ao contrário do que devia acontecer, isto é, a melhor utilização de tempos livres com os chamados “grandes jogos” e também jogos tradicionais, em que a aprendizagem entre pares é tão útil e contribui para diminuir a rivalidade e melhorar a socialização e entreajuda.

Atendendo às origens e causas da violência, sabemos que o fenómeno da violência é a manifestação última do mal-estar vivido quer pelas condições de pobreza, exclusão, desemprego, precariedade laboral e incapacidade das famílias em educarem os filhos. Sobre esta questão, consideramos essencial a **conciliação do trabalho com a vida familiar**, para que seja possível os pais educarem os filhos, dedicarem-lhes tempo e afecto de qualidade, não ficando os filhos entregues ao vazio, ao consumo acrítico dos programas de televisão e à desorientação perante os valores da cidadania. **A legislação do código de trabalho e a sua aplicação é, neste contexto, um campo de acção contra a violência na escola.**

A **comunicação social** tem, naturalmente, um papel a desempenhar, dada a grande influência que exerce sobre os jovens. Deve haver uma avaliação

prévia da programação dirigida aos jovens, que reúna peritos de várias áreas, e que tenha em conta a promoção de uma cultura de paz. É conhecido, cientificamente, o efeito multiplicador que as notícias centradas nos agressores provocam e recomendamos, assim, uma verdadeira formação dos profissionais da comunicação para que centrem o tratamento das notícias nas vítimas.

O **estudo do fenómeno da violência nas escolas**, a diferenciação dos vários graus e tipos de violência, a identificação das causas e origens, a comparação com as realidades de outros países, especialmente aqueles com culturas idênticas à de Portugal e o conhecimento das soluções ou medidas já tomadas nesses países serão naturalmente extremamente úteis no tratamento do problema a nível nacional. Um **Observatório** português independente da esfera pública e do mundo universitário, mas que contasse com o apoio efectivo dos dois, poderia não só reunir os especialistas existentes em Portugal, mas trabalhar com todos.

Esta medida como várias outras medidas concertadas terão que ser implementadas por todas as partes envolvidas (desde as famílias, Estado, escolas e professores, ONG, etc). A participação de todos - incluindo os próprios jovens - na resolução do problema parece-nos essencial na promoção da qualidade de vida presente e futura, na construção de sociedades justas e democráticas, em que a cultura de paz seja o alicerce para a convivência saudável em sociedade.

A Direcção do CNJ
Lisboa, 2 de Julho de 2008